

RACISMO ESTRUTURAL E HOMICÍDIO NO BRASIL

Flávio João Adulai Bari

Universidade Federal de Grande Dourados, UFGD, MS, Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/2418330981310232>

<https://orcid.org/0000-0001-5931-0001>

E-mail: bariflavio@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N1-28>

RESUMO: Discuto aqui o racismo estrutural, analisado por autores como Sílvio de Almeida, e seus impactos na promoção de situações de violência contra a população negra no Brasil. A partir dos dados coletados percebemos que os homicídios no Brasil estão diretamente relacionados a questões sociais e étnicas, a maioria deles ocorre nas periferias e se direciona contra a população masculina jovem e negra que vivem nesses espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo estrutural. Violência. Homicídios.

STRUCTURAL RACISM AND HOMICIDE IN BRAZIL

ABSTRACT: I discuss structural racism here, analyzed by authors such as Sílvio de Almeida, and its impacts on the promotion of situations of violence against the Black population in Brazil. From the data collected, we realized that homicides in Brazil are directly related to social and ethnic issues, most of them occur in the peripheries and are directed against the Young and Black male population that live in these spaces.

KEYWORDS: Structural racism. Violence. Homicides.

INTRODUÇÃO

Busca neste ensaio discutir a situação do Brasil em relação ao racismo estrutural e seus impactos na produção de violência contra a população negra, principalmente nas periferias nos diferentes estados da federação. Serão apresentadas algumas reflexões acerca de atitudes racistas praticadas cotidianamente, nos dias atuais, contra as pessoas negras em nossa sociedade, principalmente, contra a juventude negra que vive nas favelas e bairros onde a precariedade da vida é uma constante. A análise será embasada pela pesquisa bibliográfica e documentação relativa ao racismo e a violência contra negros como a Atlas da Violência. Esse processo tem raízes históricas e remonta o processo de escravização de africanos e afrodescendentes em nosso país durou mais de três séculos e, que após a abolição da escravatura, a situação pouco se modificou. O projeto republicano não reservou a eles nenhum espaço, estes foram relegados às margens sociais, sem nenhuma política que lhes assegure alguma dignidade de vida.

A população negra de nosso país continuou enfrentando muitos percalços para sobreviver de empregos precários, a falta de acesso à educação, saúde, moradia, mercado de trabalho e outros. O colonialismo ainda possui impacto sobre o imaginário de grande parte da população do país e infelizmente o negro ainda é visto como alguém inferior, portanto, negar a eles todos os direitos é algo normal ou natural. Como aponta Almeida (2019) o racismo opera como um dispositivo de distribuição de riquezas que privilegia os brancos em detrimento dos negros.

A atitude racista é produtora e reprodutora de desigualdades sociais, dentre elas, a desigualdade racial. Assim, compreende-se que para que o racismo seja de fato superado em nossa sociedade, há que se pensar em outra forma de organização social, que seja pautada em outros valores éticos, que tenham como prioridade o bem-estar de todas as pessoas, sem nenhum tipo de discriminação que seja de gênero, classe, raça ou outros. O racismo encarcera, pois, a maioria da população carcerária é composta de pessoas negras. O racismo agrava a questão da violência policial, contra a população negra, principalmente os jovens. O racismo exclui dos direitos à alimentação, à moradia, à educação a uma vida com dignidade, dificultando o acesso ao mercado de trabalho, assim, o racismo humilha e promove dor e sofrimentos diversos em suas vítimas.

É interessante pensar que termo assimilação não indicava ainda, em nenhum dos lados do atlântico, nenhuma clivagem entre antropologia, sociologia e história, como mostrou em detalhes, o tema das relações inter-raciais transitava claramente dos estudos antropológicos sobre raça, aquele mais tipicamente analisados sob o prisma dos contatos face a face (GREEN, 2008, p. 232-237).

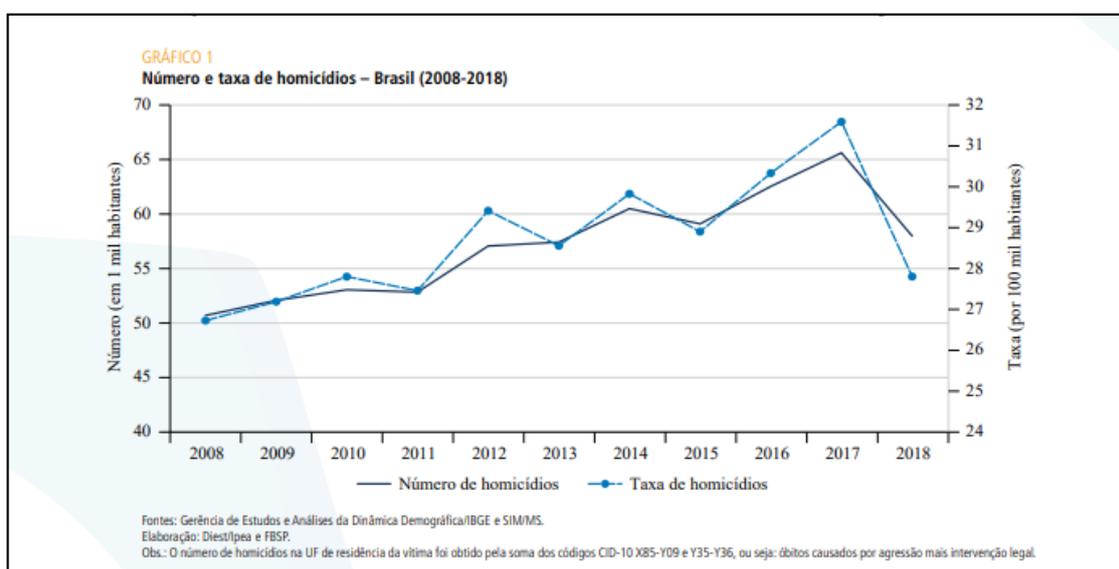
Os modos de ação habituais das culturas negros\as, sempre são representados em qualquer lugar onde seus povos vivem hábito de modelo, de vida. Sempre respeitar pessoas mais velhas, dentro e fora das comunidades, e pensar em primeiro lugar, a sua formação acadêmica profissional, porque é um seu objetivo dos jovens.

Historicamente, as mudanças e a reorganização da população negros\as, no território brasileiro e as alterações na organização do processo de igualdade para todos, não desigualdade racial, contra negros, nos lugares públicos e, conseqüentemente, da força de trabalho. Portanto, constitui um processo social que deriva das mudanças

impostas aos trabalhadores pela dinâmica do capital na sua busca constante pela autovalorização.

DESENVOLVIMENTO

É visível que o racismo no Brasil, extermina todos os dias jovens negros\as, e, pois, muitas crueldades são praticadas diariamente contra pessoas negras por outros que se consideram superiores. A superioridade racial que ainda se sustenta no imaginário e nas atitudes de muitos brancos elimina vidas negras sem nenhum sentimento considerado humano. O mapa da violência de 2019 demonstra essa triste realidade, já denunciada em edições anteriores. Na parte da conjuntura letal da violência letal no Brasil, os autores analisam os dados Sistemas de informação sobre Mortalidade,

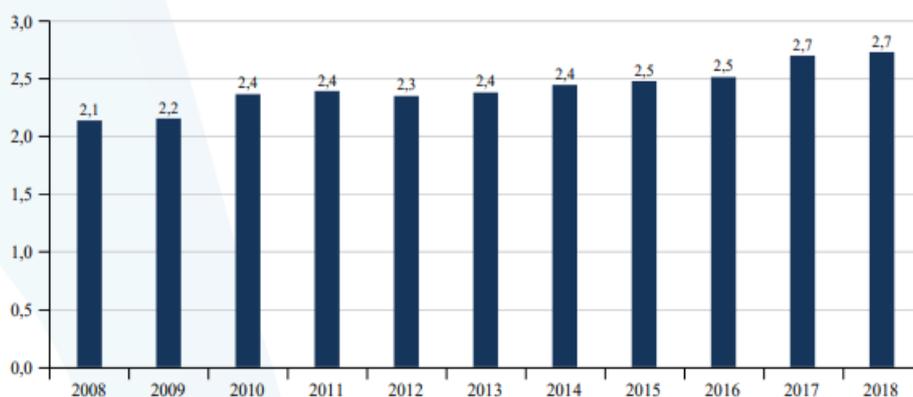


Em relação à violência contra pessoas negras a Atlas explicita que as desigualdades raciais existentes no Brasil, e ainda a forte concentração dos índices de violência letal na população negra. De acordo com os autores enquanto os jovens negros figuram como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre os brancos os índices de

mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p. 43).

Os dados dão conta que apenas em 2018, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Enquanto isso, comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representavam 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras (ATLAS DA VIOLÊNCIA, 2019, p.43). Esses dados demonstram claramente que estamos diante de uma situação de racismo estrutural.

GRÁFICO 17
Chance de uma pessoa negra sofrer homicídios vis-à-vis uma pessoa não negra – Brasil (2008-2018)



Fonte: Os dados de homicídios foram provenientes do SIM/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: 1. O número de negros foi obtido somando-se pardos e pretos, enquanto o de não negros se deu pela soma dos brancos, amarelos e indígenas; os ignorados não entraram nas contas.
2. Os indicadores tratam exclusivamente da razão entre a taxa de homicídios entre negros e não negros.

Fonte: Atlas da violência (2019, p. 47).

A violência policial contra a juventude negra é feroz, ceifa vidas, causa dor e sofrimento nas famílias da vítima, motiva a revolta de amigos e de pessoas próximas, que vivem na mesma situação de abandono por parte do poder público. As atitudes de violência e o silenciamento do estado frente a essa problemática deixam claro a desigualdade racial que existe em nosso país, onde brancos desfrutam de direitos e privilégios que sempre foram negados ao segmento negro de nossa população. “O fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar

desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2019, p. 31).

A jornalista Monique Rodrigues do Prado em reportagem publicada em 2020 argumenta que sobre a dimensão estrutural, Silvio de Almeida esclarece que o racismo se expressa nas instituições, porque a sociedade também é racista, ou seja, as estruturas que solidificam a ordem jurídica, política e econômica validam a autopreservação entre brancos, bem como a manutenção de privilégios, uma vez que criam condições para a prosperidade de apenas um grupo. Como resultado, as instituições externam violentamente o racismo de forma cotidiana, assim configura-se na visão dos autores o que é racismo estrutural. A autora indica ainda que: Enquanto ideologia, o racismo constitui-se como representação do imaginário social sobre as identidades raciais, de maneira que o imperativo é manter o branco no lugar de líder nato e racional enquanto que o negro em condições subalternas. (PRADO, 2020, p).

O racismo é extremamente cruel e matam todos os dias, mães, pais, filhos, irmãos, conhecidos, vizinhos, colegas de trabalho e tantos outros. Vidas negras são interrompidas de forma brutal em diferentes lugares e quase ninguém se importa, são inúmeras as vítimas dessa violência, por isso não podemos e nem devemos ficar indiferentes frente a essa trágica realidade.

RACISMO ESTRUTURAL, VIOLÊNCIA E HOMICÍDIOS

[...] A discriminação só se torna sistêmica se forem reproduzidas as condições sócio-políticas que naturalizem a desigualdade de tratamento oferecido a indivíduos pertencentes a grupos minoritários. Por isso, dois em face da estrutura política e econômica da sociedade contemporânea, formas de discriminação como o racismo só se estabelecem se houver a participação do Estado, que pode atuar diretamente na classificação de pessoas e nos processos discriminatórios (escravidão, apartheid e nazismo) ou indiretamente, quando há omissão diante da discriminação, permitindo-se que preconceitos historicamente arraigados contra negros, mulheres e gays se transformem em critérios “ocultos” ou regras “não inscritas” que operam no funcionamento das instituições, na distribuição econômica (emprego e renda, por exemplo) e na ocupação de espaços de poder e decisão [...] (ALMEIDA).

Sabemos que, teoricamente, a polícia deve proporcionar segurança e proteção a todas as pessoas, sem nenhuma distinção, que seja de classe, gênero, raça e outros, porém

a dura realidade nos mostra o contrário, a polícia está sempre a serviço do estado e é preparada para proteger a propriedade privada e a vida da elite branca de nosso país. Para o restante da população, e principalmente para a população negra, em muitas situações, ela oferece ameaça, maus tratos, e até mesmo execução, sempre em defesa da segurança pública. O poder soberano do estado escolhe quem mata e quem deixa viver..., assim, para o estado e suas instituições as vidas negras são vidas indignas de serem vividas! Os dados aqui apresentados demonstram que existe uma clara política de extermínio da população negra em nosso país, pois de acordo com os dados fornecidos pelo Atlas da Violência de 2019, 75,5% das vítimas de homicídio são de pessoas negras.

Acontecimentos recentes revelam que o estado atua, em alguns casos, como um dispositivo de poder que se transforma numa necropolítica de estado como ocorreu no massacre de Jacarezinho. A chamada da BBC NEWS Brasil traz em sua chamada de capa a seguinte frase: Jacarezinho: favela palco de massacre nasceu como quilombo, lutou contra a ditadura e hoje é refém da violência, na reportagem de João da Mata de 22 de maio de 2021. A chamada deixa claro que o massacre ocorrido naquele território negro, guarda relações com o passado colonial do país. Nascido com refúgio de negros fugitivos, no decorrer do século 20 tornou-se um espaço de grande efervescência cultural e política, hoje infelizmente dominado pelo tráfico foi palco dessa tragédia contra a população negra e pobre.

O editorial do jornal Humanista trouxe a seguinte frase: O alvo tem cor, e ela é preta: o triste recado do massacre do Jacarezinho, destacando que foram 28 mortes, todos os homens sendo que pelo menos 13 deles não tinham relação com a operação da política civil, morta em função da cor? Vítimas do racismo estrutural? Esperamos que a investigação esclarecesse todos esses pontos. No entanto, é preciso questionar se a política teria a mesma atuação caso Jacarezinho estivesse localizado na zona do Rio de Janeiro? Ou a violência e o alto grau de letalidade só destinado aos territórios negros, principalmente aos homens jovens e negros.

Esses dados mostram que as vítimas da violência são em sua maioria pessoas negras, e estes números têm aumentado e muito, significando que não há políticas públicas direcionadas para proteger vidas negras. Essa vulnerabilidade à violência a que são expostas as pessoas negras em nosso país torna evidente que é decorrência de práticas

racistas no cotidiano das pessoas e das instituições, que atuam para manter negros e negros expostos ao medo e a insegurança, sem nenhuma garantia de proteção. A essa população são negados todos os direitos sociais, inclusive o direito à vida, que é um direito fundamental de todo cidadão. Assim, percebem-se quando o estado pratica essas ações contra determinados segmentos sociais, abusando de seu poder soberano, deixa claro quais são as vidas nuas, ou seja, quais são as vidas que merecem ser protegidas e quais vidas são indignas de serem vividas, as vidas nuas.

[...] O racismo e as políticas eugenistas praticadas pelo Estado-nação são as manifestações mais explícitas da produção social do limiar de discriminação entre a vida autêntica, valorada como vida digna e pertencente ao corpo da nação, e a vida nua, desprovida de valor político-jurídico [...] (SALGADO, 2019, p. 386).

Assim, a violência e a morte que perseguem todos os dias jovens negros e negros em nossa sociedade podem ser consideradas como um genocídio, pois essas ações são partes de um racismo (des)velado, cujo objetivo é levar ao extermínio a juventude negra que já se encontra em situação de vulnerabilidade social, são inúmeras as causas da violência contra a juventude negra, no entanto, a raiz de todas elas ainda é o racismo.

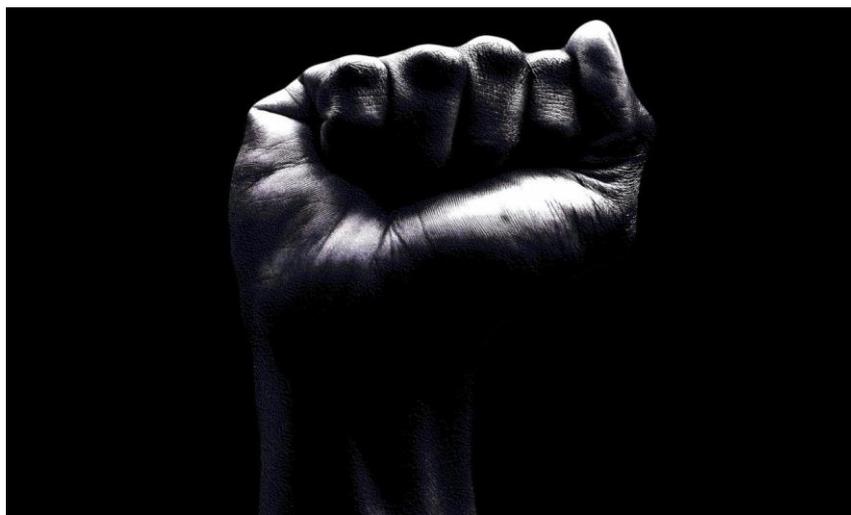
[...] O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho, etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, ao qual se tenta impor como única e verdadeira [...] (MUNANGA/GOMES, 2016, p. 179).

Frente a essa situação se torna urgente e necessário deixar aqui registrado, como **denúncia**, alguns fatos acontecidos em pleno século XXI, que deixam bem claro a presença e a ação do racismo em nossa sociedade. Os exemplos aqui citados foram vivenciados por jovens negros e negros, em diferentes lugares de nosso país, os quais demonstram que a supremacia branca ainda prevalece, e o que é pior, hoje é reforçado por um governo que motiva o ódio racial, dando apoio às instituições públicas e, principalmente às corporações policiais para que exterminem pessoas negras, que são tidas como vidas nuas, sem nenhum constrangimento, na certeza da impunidade.

ATLAS DA VIOLÊNCIA: ASSASSINATOS DE NEGROS

[...] No Brasil, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década, de acordo com a Atlas da Violência 2020, divulgado hoje (27), em São Paulo, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Ao mesmo tempo, entre 2008 e 2018, período avaliado, a taxa entre não negros (brancos, amarelos e indígenas) fez o caminho inverso, apresentando queda de 12,9%. Feito com base no Sistema de Informação sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde, o relatório evidencia ainda que, para cada pessoa não negra assassinada em 2018, 2,7 negros foram mortos, estes últimos representando 75,7% das vítimas. Enquanto a taxa de homicídio a cada 100 mil habitantes foi de 13,9 casos entre não negros, a atingida entre negros chegou a 37,8. Na avaliação dos especialistas que produziram o documento, os números deixam transparecer o racismo estrutural que ainda perdura no país. "Um elemento central para a gente entender a violência letal no Brasil é a desigualdade racial. [...]"

O preconceito se vence com o saber. Só depende de nós mesmo... Mesmo não podendo ir até lá, vamos buscando... A internet está aí, pronta e cheia de material para ser explorado. Há uma riqueza gigantesca, tanto cultura, humano, material e espiritual, que a população negros\as representa nesse país. Mesmo assim não é valorizada, tanto exclusão social, vindo sofrendo há muitos anos.



Fonte:- <https://www.jota.info/jotinhas/racismo-no-brasil-o-que-e-o-racismo-estrutural-injuria-racial-e-democracia-racial-17052022>

É fundamental para qualquer pessoa e grupo, buscar as suas origens. Pelo menos se interessar um pouco pelo lugar de onde veio e questionar se todas as informações que soube, foram nos enviadas corretamente. Em parte é por causa dos notícias negativas, sobre a população negros\as nas periferias, das suas vivencias, convivência.

[...] O discurso e as propostas eugênicas para o Brasil mostram um racismo nada cordial. Sob a justificativa de romper com o atraso, em nome do progresso, ancorados em ideias em que a hereditariedade determina o destino dos indivíduos e numa desigualdade já dada ao nascer pela própria natureza, os eugenistas respaldavam práticas e políticas que iam desde a discriminação e a exclusão até a mutilação dos seres considerados inferiores (MACIEL, 1999, p. 138).

Precisamos acreditar na construção de um mundo melhor para todos e para todas, afinal, um mundo melhor só é possível com o fim do racismo!

A violência contra pessoa negra no Brasil é um cenário de longa data, que acontece em todo território nacional, agressão policial, perseguição nos lugares públicos, menos oportunidade na inserção de trabalho, falta de oportunidade acesso nas universidades públicas. Isso é visto como pouco acesso à oportunidade, às pessoas negras. Onde que 70% da população brasileira somos negros\as, mas continua sofrendo por falta de atenção da próprio estado brasileiro.

CONCLUSÃO

Destacamos neste texto que no atual contexto político em que vivemos, a juventude negra encontra-se em função do racismo estrutural exposta diariamente ao extermínio. É preciso interromper essa barbárie que ocorre em diversos espaços sociais todos os dias, em nosso cotidiano, afetando aqueles e aquelas que estão à margem de nossa sociedade, em especial a juventude negra.

Conforme o exposto aqui, podemos perceber que o racismo é real, e que além dos danos sociais que causa às suas vítimas, também extermina inúmeras pessoas negras com muita frequência em diferentes lugares de nosso país, assim ressaltamos que no processo de construção de relações raciais e étnicas pautadas no respeito, uma educação antirracista é primordial e o combate ao racismo como ideologia e como parte das estruturas também. Precisamos debater e levar a sociedade brasileira: “Uma melhor compreensão sobre o que é o racismo e seus desdobramentos poderia ser um dos caminhos para se pensar estratégias de combate ao racismo na educação” (GOMES, 2005, p. 148).

Uma política de antirracismo é fundamental para a construção de uma nova proposta de organização da sociedade, pois o capitalismo traz em sua essência a exclusão, a injustiça, as diversas desigualdades entre elas, as relativas à raça que sustenta o racismo, assim, se realmente desejamos combater as práticas racistas e discriminatórias em nossa

sociedade, precisamos pensar em algo maior, que seria a superação do atual modelo de sociedade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I** - tradução de Henrique Burigo. -Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, PÓLEN, 2019.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política I**. Tradução Carmen C. Varriale ET al. Coord. trad. João Ferreira. Rev. general João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 11. Ed. 1998, v. 1: 674 p. (total: 1.330 p.) Vários Colaboradores. Obra em 2 v.

EDITORIAL I. **O alvo tem cor, e ela é preta: o triste recado do massacre do Jacarezinho**. Disponível: <https://www.ufrgs.br/humanista/2021/05/12/editorial-i-o-alvo-tem-cor-e-ela-e-preta-o-triste-recado-do-massacre-do-jacarezinho/>. Acesso em: 02/06/2021.

BRASIL. **Atlas da violência 2018**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. IS

BRASIL. **Atlas da violência 2019**. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. IS

DAYRELL, J. T. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, Anped, n. 24, p.40-52, set/out/Nov/dez, 2003.

DAYRELL, J.; GOMES, N. L. **A juventude no Brasil**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em:<www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.Pdf>. Acesso em: 10 jul. 2010.

GREEN, N. **O tempo e o estudo da assimilação**. Antropolítica, v. 25, n. 2, p. 23-47, 2008.

GOMES, N. L. **Um olhar além das fronteiras - educação e relações raciais** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, N. L. LABORNE, Ana Amélia de Paula. **Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra**. *Educ. rev.* [online]. 2018, vol.34, e197406. Epub 23-Nov-2018. ISSN 0102-4698. <https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>.

MUNANGA, K., GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Global, 2016.

MACIEL, M. E. S. A eugenia no Brasil. Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. N. 11.121-143p. (jul. 1999).

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africana**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**. 3 ed. São Paulo; Perspectiva, 2016.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 227-278. 2005.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Ed. Cortez, 2010.

SALGADO, R. G. **Quem merece proteção? Infância, violência e totalitarismo**. In: Scudder, Priscila de Oliveira Xavier; GONZALEZ, José Marin; ÁVILA, Carlos Frederico Dominguez. **Racismo ambiental, Ecologia, Educação e Interculturalidade**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2019.

PRADO, M. R. **Racismo estrutural segundo Silvio Almeida**. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/racismo-estrutural-segundo-silvio-almeida/> acessado em: 02/06/2021.

Data de submissão: 21/03/2023. Data de aceite: 23/03/2023. Data de publicação: 25/03/2023.